



organizadoras
Alessandra Alcântara
Brenda Guedes

COMUNICAÇÃO *infância*

PROCESSOS em PERSPECTIVA

organizadoras

Alessandra Alcântara

Brenda Guedes

COMUNICAÇÃO *infância*

PROCESSOS em PERSPECTIVA

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados
Copyright do texto © 2017 o autor
Copyright da edição © 2017 Pimenta Cultural

Comissão Editorial

Profa. Dra. Alessandra Alcântara
Prof. Dr. Alexandre Silva Santos Filho (UFPA)
Profa. MSc. Brenda Guedes
Profa. Dra. Andrea Paiva Cavalcante
Profª. Dra. Heloísa Candello (IBM Research Brazil)
Profª. Dra. Lúcia Oliveira (Universidade de Aveiro - Portugal)
Profª. Dra. Lucimara Rett (UFRJ)
Profª. Dra. Maribel Santos Miranda-Pinto (Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação, Portugal)
Profª. Dra. Marina A. E. Negri (ECA-USP - Fundação Cásper Líbero)
Profª. Dra. Rosane de Fatima Antunes Obregon (UFMA)
Prof. Dr. Tarcisio Vanzin (UFSC)
Profª. Dra. Vania Ribas Ulbricht (UFSC)
Prof. Dr. Victor Aquino Gomes Correa (ECA - USP)

Direção Editorial Patricia Biegging
Raul Inácio Busarello

Capa e Projeto Gráfico Raul Inácio Busarello

Editora Executiva Patricia Biegging

Revisão Organizadoras
Alessandra Alcântara
Brenda Guedes

PIMENTA COMUNICAÇÃO E PROJETOS CULTURAIS LTDA – ME.
São Paulo - SP. Telefones: +55 (11) 96766-2200 - (11) 96777-4132
E-mail: livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação e Infância: processos em perspectiva.
Alessandra Alcântara, Brenda Guedes (orgs.). São
Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 237p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-66832-49-5 (eBook PDF)

1. Comunicação. 2. Infância. 3. Práticas de
consumo. 4. Criança. 5. Estudo de recepção.
6. Ambiente virtual. 7. Publicidade. I. Alcântara,
Alessandra. II. Guedes, Brenda. III. Título.

CDU: 316.77
CDD: 300



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição –
Uso Não Comercial – Não a Obras Derivadas (by-nc-nd). Os termos desta
licença estão disponíveis em: <<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelos
autores para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta
publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado
é de inteira responsabilidade dos autores, não representando a posição
oficial da Pimenta Cultural.





Prefácio
A infância como desafio contemporâneo 6
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Capítulo 1
Criança e Economia não combinam?
 Relações entre Infância, Dinheiro e Práticas de Consumo 12
Milena Gomes Coutinho Pereira

Capítulo 2
Sociedade de Risco, Marketing e os Riscos à Infância 38
Carla Daniela Rabelo Rodrigues

Capítulo 3
Regulação da publicidade infantil no Brasil:
 A publicidade após a Resolução 163 do Conanda 62
Pâmela Saunders Uchôa Craveiro e Ana Paula Bragaglia

Capítulo 4
Feito para você?
 Uma reflexão sobre os discursos publicitários que dialogam com
 a infância e se propõem como coparticipantes na formação de
 cidadãos responsáveis 95
Brenda Guedes

Capítulo 5
A criança diante da publicidade:
 Os estudos de recepção realizados no Brasil entre 2010 e 2015 122
Elisa Reinhardt Piedras e Maria Clara Sidou Monteiro

Capítulo 6
Brincar de internet:
 A representação infantil sobre o brincar em ambiente virtual 151
Alessandra Alcântara

Capítulo 7

Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades 176

Inês Silvia V. Sampaio, Thinayna M. Máximo e Andrea Pinheiro P. Cavalcante

Capítulo 8

Pesquisa-intervenção com crianças camponesas e o agenciamento maquínico 202

Thiago Menezes de Oliveira e Diego Frank Marques Cavalcante

Sobre os autores 231



A INFÂNCIA COMO DESAFIO CONTEMPORÂNEO

A proposta do e-book *Comunicação e infância: processos em perspectiva*, organizado pelas pesquisadoras Alessandra Alcântara e Brenda Guedes, vai além da contribuição à sistematização de processos de pesquisas. O que a publicação desvela, por um lado, é a consolidação de uma área de investigação que articula estudos sobre Infância e Comunicação em interface com outras áreas do saber como Educação e Ciências Sociais e, por outro, como esse campo vem se consolidando nos programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, ultrapassando certa perspectiva marginal que acompanhava tais processos investigativos.

Os oito capítulos da publicação têm em comum o fato de situarem a criança como sujeito social em suas múltiplas interações. Os autores, em sua maioria jovens pesquisadores, estão localizados em territórios geográficos distintos, tais como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco e em instituições de ensino público e privado, o que de certa forma, favorece uma ampla mirada sobre os estudos que envolvem as crianças, os processos e os dispositivos comunicacionais.



Essa é a segunda publicação organizada por Alessandra e Brenda que tematiza a infância na perspectiva comunicacional. Em 2014 a ênfase dos textos do e-book *Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas*, organizado por elas, recaiu sobre o consumo. Nesta coletânea, embora outras questões sejam abarcadas, o eixo criança e consumo continua bem presente.

A relação das crianças com a publicidade foi discutida no artigo de **Pâmela Uchôa Craveiro** e **Ana Paula Bragaglia**, que trata da *Regulação da publicidade infantil no Brasil: a publicidade após a Resolução 163 do Conanda*. A partir de pesquisa empírica sobre a programação comercial de alguns canais de tevê por assinatura, registrou-se não haver mudança relevante na comunicação mercadológica dos anunciantes de tais canais, mesmo dois anos após a vigência da referida Resolução. As autoras reforçam a necessidade de a sociedade estar cada vez mais organizada e mobilizada para efetivar o pleno cumprimento da norma do Conanda, de forma a conter a publicidade abusiva.

Outra produção que tem enfoque na publicidade é a de **Daniela Rodrigues**, que trata das ações de marketing e os riscos oferecidos às crianças. A autora destaca o caso da publicidade de produtos de limpeza que muitas vezes usa personagens com apelo infantil em suas campa-



nas. Embora conste na embalagem a informação de que tais produtos, por conterem elementos tóxicos, devem ser mantidos longe das crianças, a comunicação mercadológica continua mirando no segmento infantil e, assim, expondo meninas e meninos a vários riscos. Até quando?

O texto de **Brenda Guedes** também discute a publicidade do ponto de vista da narrativa discursiva que busca dialogar com a criança ao trabalhar em sua comunicação institucional temas de apelo social, como é o caso do projeto de incentivo à leitura, “Leia para uma criança”, do Itaú Social. Para a autora, a marca opta por posicionar-se estrategicamente como “coparticipante na formação de cidadãos responsáveis” na tentativa de neutralizar o fato de que suas ações estão vinculadas aos seus interesses mercadológicos, o que confere de certa forma uma “importância social à publicidade”.

Maria Clara Monteiro e **Elisa Piedras** mantêm o foco na relação da criança com a publicidade, ao refletirem sobre como essa relação está sendo pesquisada no Brasil em teses e dissertações nos programas de pós-graduação em Comunicação, no período de 2010 a 2015, na perspectiva dos estudos de recepção. As autoras identificaram que as abordagens metodológicas de algumas das investigações, mesmo se propondo a trabalhar com recepção, optaram por



técnicas de coleta de dados que envolviam o uso de questionários e sequer contemplavam a escuta das crianças, “revelando a necessidade de apropriação de outras técnicas adaptadas para estudos de recepção com crianças”.

Sobre a aproximação das crianças com a tecnologia, as contribuições vêm do texto de uma das organizadoras desta obra e da produção coletiva das pesquisadoras do GRIM-UFC, do qual faço parte.

Assim, no artigo *O brincar em ambiente virtual: jogar, postar, conversar*, **Alessandra Alcântara** considera que a relação das crianças com a internet se vincula a uma nova forma de “brincar”, visto que a ludicidade é um eixo central do humano, fortemente presente nas culturas da infância.

Já **Inês Sampaio**, **Thinayna Máximo** e eu (**Andrea Cavalcante**), como autoras do texto *Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades*, ouvimos crianças na faixa etária entre 11 e 12 anos, de escolas públicas e privadas de Fortaleza-CE, e observamos que estar presente no ambiente virtual é uma vivência marcada por riscos e oportunidades. Longe de defendermos a proibição de tais práticas, a bandeira que levantamos é a da necessidade de ações de literacia digital que favoreçam a experiência da criança na internet, de modo a “promover sua autonomia e fortalecer sua cidadania online e off-line”.



O artigo que abre a coletânea de textos, de autoria de **Milena Gomes Coutinho Pereira**, *Criança e economia não combina? Relações entre infância, dinheiro e práticas de consumo*, situa historicamente as relações entre economia e infância, passando por fatos como a Revolução Industrial e a Segunda Guerra, de modo a ressignificar em cada um desses contextos históricos a presença da criança e, dessa forma, superar a noção de que a inserção da infância no âmbito do consumo é acontecimento recente.

Pesquisa-intervenção com crianças camponesas e o agenciamento maquínico, de **Thiago Menezes de Oliveira** e **Diego Frank Marques Cavalcante**, é o trabalho que encerra a publicação. Os autores partem do conceito de agenciamento maquínico e coletivo, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), para pensar sobre a relação de crianças camponesas, no Assentamento Recreio, com os meios de comunicação, na perspectiva de uma pesquisa intervenção. Thiago e Diego entendem o agenciamento como uma categoria problematizadora para as pesquisas que abordam as relações entre infância e mídia, visto que permite ao mesmo tempo estar atento aos cuidados que deve envolver uma pesquisa com crianças, e considerar as subjetividades infantis e seus modos de ser e estar no mundo.



_____. A criança e a cultura lúdica. *Revista Da Faculdade de Educação*, 24(2), 103–116, 1998. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>>.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CARVALHAIS, N. F. *Usos do tempo livre e atividades extraescolares*: um estudo comparado com alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

CARVALHO, M. J. S.; MACHADO, J. B. Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de gênero e de classe social. *Currículo Sem Fronteiras*, 6(1), 70-81, 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1/articles/car_mach.pdf>.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 8a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CHATEAU, J. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

CORSARO, W. *Sociologia da Infância*. 2a. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

GIRARDELLO, G. *Produção cultural infantil diante da tela*: da TV à internet. *Teias*, 6 (11-12), 1–12, 2005.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. 6a. ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 2010.

MOLLO-BOUVIER, S. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educação E Sociedade*, 26(91), 391–403, 2005.

MONTANDON, C. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 33–60, 2001.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho. *Imagem e representação*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *Seis estudos de Psicologia*. 10 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

_____. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1994.

PINTO, M. A televisão, a vida quotidiana e o direito de participação das crianças na escola e na comunidade. *Revista Iberoamericana de Educación*, 26. 2001. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie26a06.htm>>.



O brincar em ambiente virtual

SARMENTO, M. J. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2a modernidade*. Braga, 2004. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educação E Sociedade*, 26, 361–378, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

_____. (2011). A reinvenção do ofício de criança e de aluno. *Atos de Pesquisa em Educação* 6 (3), 581–602, 2011.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 7–31, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1981.

WINNICOTT, D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.





07

CRIANÇAS BRASILEIRAS E A INTERNET NA PERSPECTIVA DOS RISCOS, DANOS E OPORTUNIDADES

Inês Sílvia Vitorino Sampaio
Thiayna Mendonça Máximo
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

INTRODUÇÃO

A internet está cada vez mais presente no cotidiano de crianças e adolescentes brasileiras, como apontam os dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2014 (CGI.Br, 2014)¹. Acessar a internet todos os dias ou quase todos os dias já é uma realidade para 81% dos entrevistados. Essa conectividade tem sido facilitada através do uso dos dispositivos móveis: 82% dos usuários brasileiros de 9 a 17 anos acessam a Internet por meio de um telefone celular. A pervasidade da internet na vida de crianças e adolescentes, ou seja, o fato dela ter se disseminado, fazendo-se cada vez mais presente entre eles, é uma tendência internacional (MASCHERONI; CUMAN, 2014). Ela encontra no Brasil, contornos *comuns* em relação a alguns aspectos, a exemplo do imperativo da conectividade, e *singulares* em relação a outras características, como as profundas desigualdades de acesso à rede².

1. Pesquisa TIC Kids Online 2014, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.Br) vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.Br), com o objetivo central de mapear possíveis riscos e oportunidades online. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>>. Acesso em 29 jun. 2016.

2. Ver mais sobre isso em: SOZIO, M. E.; PONTE, C.; SAMPAIO, V. I.; SENNE, F.; OLÁFSON, K.; ALVES, S. J.; GARROUX, C. *Children and internet use: a comparative analysis of Brazil and seven European countries*. Londres: EU Kids Online, 2015. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/5/Children%20and%20Internet%20use.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2015.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

No presente artigo apresentamos parte da pesquisa *TIC Kids Online Brasil- Portugal*³, estudo comparado Fortaleza – Lisboa, realizada no período de 2013 a 2016 e que envolveu a realização de grupos focais em escolas públicas e privadas, com pais, professores, crianças e adolescentes com faixa etária compreendida entre 11 e 12 anos. O recorte que fizemos para essa discussão foca nos riscos e *oportunidades* das mídias digitais no Brasil e se debruça sobre os dados dos grupos focais de crianças e adolescentes, de escolas públicas e privadas brasileiras.

O entendimento que orientou o nosso estudo no que diz respeito à compreensão de riscos e oportunidades no contexto digital seguiu o enquadramento teórico-metodológico do *EU Kids Online* (LIVINGSTONE et al., 2011), considerando ainda outros estudos internacionais, como o *Net Children Go Mobile* (MASCHERONI; CUMAN, 2014).

Nas pesquisas europeias mencionadas, há clareza de que a relação entre crianças e adolescentes com os dispositivos comunicacionais são marcados por fatores de ordem cultural, socioeconômica, educacional e/ou de infraestrutura

3. O projeto recebeu apoio da Capes/Cnpq (Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES No 43/2013) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Funcap (Edital 05/2013 de Cooperação Internacional). Coordenaram as equipes brasileiras e portuguesas as professoras Inês Vitorino (Universidade Federal do Ceará) e Cristina Ponte (Universidade Nova de Lisboa).



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

tecnológica. Embora nem todos estes aspectos sejam igualmente destacados neste artigo, é importante ressaltar que eles foram considerados na investigação.

Essa leitura vai na contramão de abordagens reducionistas e extremadas que salientam as oportunidades ou os riscos como aspectos indissociados da relação das crianças e adolescentes na internet. Em tais perspectivas, eles são classificados como “nativos digitais”, supostamente dotados de aptidão inata para navegar autonomamente na rede, desconsiderando as inúmeras pressões mercadológicas e disputas informacionais a que as culturas infantis estão submetidas na atualidade, ou num outro extremo, qualificados sob a ótica do “pânico moral” aos riscos crescentes decorrente da visualização de conteúdos e/ou do contato com estranhos na rede, de quem sofrerão danos como o *sexting*⁴, o *ciberbullying*⁵, entre outros.

Nas pesquisas internacionais, nas quais esta investigação se esteia, a relação de crianças e adolescentes com as mídias digitais e a internet é analisada sob uma perspectiva mais complexa:

4. Amálgama de “sexo” e “mensagens de texto” tem sido definido como à troca de conteúdo sexual (texto, imagem, vídeo) predominantemente por meio de telefones celulares.

5. Termo que se refere à prática de *bullying* na internet.



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Os resultados do inquérito EU Kids Online mostraram como as *atividades na internet* são *difíceis de classificar* ou como *benéficas* ou como *prejudiciais*, uma vez que muito depende da criança e do contexto. De um modo geral, as crianças que desenvolvem um leque mais vasto de atividades parecem ser as que encontram mais riscos sendo também as que estão melhor preparadas para lidar com esses riscos, tornando-se resilientes aos efeitos danosos. (SIMÕES et al, 2014, p.13)

De forma contextualizada, compreendemos que as oportunidades e os riscos online estão também relacionados às oportunidades e riscos off-line aos quais as crianças estão expostas no seu cotidiano. A capacidade de identificar as oportunidades presentes na internet e lidar de forma competente com elas pode estar associada, por exemplo, a condições ótimas de acesso ou a uma mediação parental que estimule este tipo de descoberta. O risco de *ciberbullying* ou de *sexting*, por sua vez, podem estar associados à exposição indiscriminada de mensagens de cunho sexual que são exibidas em veículos de comunicação de massa, tais como revistas e programas televisivos, ou ainda a agressão por pares, que tanto pode preceder como ser potencializada nos espaços de convivência da criança, tais como a escola ou o bairro.

Livingstone e Helsper (2007) salientam que os benefícios da internet podem ser avaliados considerando o mapeamento do número e do *tipo* de oportunidades que



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

os internautas usufruem, salientando que existe uma correlação positiva entre a *quantidade* de uso (medida em termos de tempo) e a *abrangência* do uso (medido em termos de possibilidades aproveitadas). Crianças e jovens que usam a internet há mais tempo e com maior frequência, tendem a aproveitar mais das oportunidades do que aqueles que usam há menos tempo e exploram um leque mais estreito de atividades. Crianças de nível socioeconômico mais elevado tendem, por sua vez, a tirar mais partido do uso da rede que as de condições socioeconômicas desfavorecidas, já que dispõem de melhores condições de acesso aos dispositivos comunicacionais e à internet em casa.

Nas oportunidades identificadas por esses estudos, temos as aprendizagens educacionais e o *letramento* digital, a participação e o envolvimento cívico, a criatividade e auto-expressão e o fortalecimento de relações sociais e identitárias, para citar os mais importantes. No caso dos riscos, foram identificados os riscos comerciais, a violência e a agressividade, os riscos sexuais e o contato com valores negativos (HASEBRINK et al., 2009) e consideraram os mais proeminentes na agenda pública europeia, tais como: riscos sexuais (pornografia, *sexting*), riscos de contatos com pessoas desconhecidas, *ciberbullying*, exposição e abuso de informação pessoal.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

De forma abreviada, esse foi o delineamento conceitual da pesquisa. Na próxima seção apresentamos a proposta metodológica que orientou a investigação.

PESQUISANDO COM CRIANÇAS

A pesquisa *TIC Kids Online Brasil-Portugal* buscou ouvir as crianças e adolescentes para compreender a relação que eles estabelecem com as mídias digitais, no sentido de fazer avançar os estudos com esse enfoque, ainda escassos no Brasil. Um outro objetivo que guiou a realização deste estudo foi o de contribuir para a definição qualificada de políticas públicas de proteção e promoção da criança em sua relação com as mídias digitais, tendo em vista assegurar o seu direito à qualidade na comunicação e a segurança na rede.

Como estratégia para estabelecer um diálogo com as crianças, pautado em um método qualitativo de pesquisa, optamos pela realização de grupos focais, considerada recomendável “quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado e quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema”. (COSTA, p.183, 2012).



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Por se tratar de um estudo comparado, a estratégia de realizar grupos focais seguiu o protocolo proposto pela equipe portuguesa, coordenada pela professora Cristina Ponte, docente da Universidade Nova de Lisboa.

Para compreender melhor os usos e apropriações das mídias digitais por diferentes perfis sócio econômicos, a equipe brasileira optou por trabalhar com crianças e adolescentes de escolas públicas e privadas, por entender que a questão da classe social pode definir aspectos significativos nessa relação das crianças e adolescente com a internet. Foram contatadas escolas públicas e privadas para apresentar a proposta da investigação e saber da possibilidade dos estudantes participarem dos grupos. É relevante esclarecer que o presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética via Plataforma Brasil de Pesquisa.

Com a anuência da escola, os pesquisadores prepararam os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os enviaram às famílias. No dia agendado para a realização dos grupos, participaram da discussão somente as crianças e adolescentes que receberam autorização dos responsáveis.

Em cada escola foram constituídos dois grupos com crianças de 11 e 12 anos, divididos por gênero, um grupo formado por meninos e outro por meninas. Cada grupo teve, em média, a participação de sete crianças.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Os grupos foram realizados sempre com a presença de três pesquisadores que se dividiram entre as funções de mediar o diálogo com as crianças e adolescentes, acompanhar a discussão de modo a assegurar que todas as questões propostas fossem tematizadas pelos participantes e gravar em áudio e vídeo o grupo focal para posterior transcrição. Todos os grupos aconteceram no ambiente escolar e tiveram duração de cerca de duas horas.

O roteiro para a realização dos grupos com as crianças de escolas públicas e privadas buscou identificar quais as percepções delas sobre os usos e apropriações dos dispositivos móveis, mapeando questões gerais acerca do uso compartilhado do *smartphone* e as mudanças societárias percebidas por eles como associadas ao uso do celular com acesso à internet. Incluía, também, questões relacionadas às oportunidades e riscos por elas identificados associados às suas práticas de uso dos dispositivos comunicacionais, interações nas redes, estratégias de busca de informações, publicização de conteúdos e ainda a mediação feita pelas famílias e pela escola.

Antes de entrar nas questões previstas no roteiro foi proposta uma atividade com os participantes, com o propósito de deixá-los mais à vontade. Cada um foi convidado a escrever em uma única palavra, em um papel adesivo, o que



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

eles consideravam como aspectos positivos e negativos da internet. A dinâmica permitiu que expressassem as ideias sobre o tema e à medida que comentavam sobre o que haviam escrito, foram convidadas a colar na parede o papel, possibilitando visualizar as opiniões de todos. A moderadora explicou o propósito do grupo focal, reforçou que a conversa era sigilosa e que eles poderiam ficar à vontade para comentar abertamente sobre as perguntas que seriam feitas, já que nada do que estava sendo tratado ali seria repassado, de forma identificada, aos pais ou à escola.

Na próxima seção será apresentado o que as crianças apontaram como sendo riscos e danos na relação delas com a internet. A análise dos depoimentos, pautada numa perspectiva interpretativa, foi feita com base nas categorias de oportunidades, riscos e danos anteriormente delineadas.

OPORTUNIDADES NA REDE SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

As crianças ouvidas na pesquisa foram capazes de identificar várias oportunidades presentes na internet, em especial, aquelas vinculadas ao aprendizado, à conectividade e ao entretenimento, muitas vezes, configurados como processos associados.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

As avaliações positivas sobre a internet sobressaíram diante de leituras negativas. Como pontos positivos, as meninas fizeram associações com os termos “fotos”, “internet”, “bate-papo”, “redes sociais”, “aparelho móvel”. Os meninos por sua vez, destacaram os termos “pesquisa” e “tecnologia”, revelando algumas diferenças de gênero importantes nas quais a avaliação das meninas se associa mais fortemente a elementos internacionais e estéticos e os meninos ao domínio do conhecimento e da técnica. Ambos mencionaram, ainda, a possibilidade de fazer “download de jogos” como uma característica positiva da internet. O termo “redes sociais” recebeu uma apreciação negativa da parte de um menino. A “comunicação com as pessoas” os “jogos”, os “aplicativos” e o “YouTube” foram considerados como reunindo características simultaneamente positivas e negativas, classificadas de “mais ou menos”⁶.

Na escola pública, a tendência a valorizar sobretudo os aspectos positivos da internet ficou ainda mais evidente, já que não foi mencionada nenhuma característica negativa. As meninas avaliaram novamente de forma positiva a possibilidade de estabelecer “comunicação com as pessoas” e meninos e meninas reconheceram igualmente como algo

6. Essa classificação não havia sido prevista na dinâmica, tendo sido proposta pelas crianças e acolhida.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

bom o contato com filmes e vídeos. “Jogos” e “redes sociais” foram citados por meninos e meninas como “mais ou menos” e as meninas atribuíram essa classificação também ao “YouTube” e à “pesquisa”.

As oportunidades de aprendizagem, conectividade e entretenimento receberam ênfases diversas na fala das crianças. O contexto de realização da pesquisa - a escola - pode ter deixado suas marcas, por exemplo, no destaque conferido por elas às oportunidades de aprendizagem na rede. Assim, não faltaram indicações sobre o aprendizado possibilitado pela internet, que permitiria a busca por informações específicas sobre determinadas temáticas. Não faltaram também referências às possibilidades de acesso ao conhecimento, visto numa perspectiva mais ampla da relação do ser humano com as diversas áreas do saber, associadas ao desejo genuíno de descoberta do mundo, às demandas socioculturais de familiares, professores, pares e/ou do mercado.

De acordo com a pesquisa *TIC Kids Online 2014*, 54% das crianças entre 11 e 12 anos declarou ter pesquisado alguma coisa na internet (CGI.Br, 2014). Nos grupos focais, elas também destacaram o fato de realizarem pesquisa na internet:



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Porque eu também tenho que estudar eu faço pesquisa. (Larissa, escola particular)

Tudo que a gente precisa a gente procura lá no Google, Youtube, entendeu, tipo, vídeos que a gente quer. (Lara, escola particular)

Pesquisa significa Google. (André, escola particular)

Os dois últimos depoimentos são reveladores de como oportunidades e riscos se associam, já que atestam a dependência das pesquisas aos sites de buscas e/ou de compartilhamento, suas classificações e estratégias de posicionamento na rede, pautadas em lógicas comerciais de seleção e difusão da informação e do conhecimento, nem sempre fáceis de serem identificadas pelas crianças.

As oportunidades de interação com amigos, familiares, conhecidos ou mesmo desconhecidos à distância também foram referidas. Nesse contexto, a constituição de novos vínculos sociais, que se estabelecem por afinidades temáticas em torno de práticas esportivas, músicas, jogos, filmes, *hobbies*, entre outros, tende a se expandir.

Por que a pessoa que está longe pode conversar pelo WhatsApp, não precisa mais enviar carta. (Joaquina, escola pública)

Estar conectado é o imperativo que move suas relações com os amigos, sendo bastante difícil manter-se desconectado, até mesmo para dormir, como atesta a prática do



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

“madrugar”, citada por vários deles⁷. Dados do *TIC KIDS Online Brasil 2014* (CGI.Br, 2014) indicam que 52% das crianças entre 11 e 12 anos declararam ter usado mensagens instantâneas para conversar com amigos. Aplicativos, como o WhatsApp e o Snapchat, também têm apresentado uma tendência de crescimento entre crianças e adolescentes⁸.

Fica muito mais fácil falar com as pessoas. Com o Whatsapp e tal. (Mateus, escola particular)

[...] porque todo tempo a gente tá conversando com um grupo. Grupo da sala, tem todo tipo de grupo, grupo dos meninos, dos casais. (Lara, escola particular)

Bater foto e curtir...compartilhar momentos que a gente passou, a gente posta foto nossa e dos lugares que a gente passou. (Rafael, escola particular)

Neste último depoimento é possível identificar também a possibilidade de desenvolver a criatividade e a capacidade de expressão na relação com os amigos o que pode colaborar também para firmar referenciais identitários comuns, pautados no reconhecimento de padrões sociais e estéticos, associados às imagens de si, aos percursos de vida de cada um e de suas afinidades eletivas.

7. Ver mais sobre isso em: VITORINO SAMPAIO, Inês. Reconfigurações das culturas infantis sob a égide do consumo e da convergência midiática. In: FONTENELLE, L. (Org). *Criança e consumo: 10 anos de transformação*. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

8. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/facebook/47153-jovens-passam-a-utilizar-mais-o-snapchat-e-o-whatsapp-do-que-o-facebook-htm>>. 28 de ago. 2016.



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Além dessas conexões que se estabelecem, frequentemente, de forma despreziosa, associada à dimensão lúdica (HUIZINGA, 1996) pautada na ausência de objetivos externos à própria interação, alguns relatos destacavam também a oportunidade de coordenar ações via uso de mídias digitais com acesso à internet:

Combina cinema, combina encontro, combina tudo. (Lara, escola particular)

Além da conectividade, o entretenimento é certamente uma das oportunidades mais reconhecidas pelas crianças ouvidas na pesquisa. É em busca de lazer e entretenimento que elas perdem a noção do tempo ao acessarem a internet, interagindo com os pares em redes sociais, como já destacamos, ou acessando jogos e vídeos por meio de plataformas como o YouTube, Netflix, entre outras.

[...] dá pra acessar Facebook, Instagram, Whatsapp e dá pra jogar. (Lais, escola particular)

Dá pra assistir filme também. (Mateus, escola particular)

Possivelmente em razão desse conjunto de oportunidades a) as mídias digitais com acesso à internet sejam consideradas por muitas dessas crianças como imprescindíveis; e b) vinculadas às associações aleatórias sobre a palavra tecnologia, tenhamos a classificação extremamente positiva, indicada abaixo, que remete à noção divina de perfeição.



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

E quando falta a internet, pelo amor de Deus! Quando a internet cai, meu Deus, é, tipo assim, o fim do mundo! (Yohanna, escola particular)

Palavra: Tecnologia

Classificação: Bom

Bota no perfeito tia! (Yohanna, escola particular)

Coisas de Deus! (Madeleine, escola particular)

Diante desse fascínio exercido pelos novos dispositivos comunicacionais, as crianças podem ser estimuladas por meio da literacia/letramento digital a desenvolverem suas competências técnicas e sociais na internet de modo a alcançar um uso mais qualificado e seguro da rede, como ilustram os depoimentos a seguir:

Eu baixo (jogos) do computador pro meu celular. (Edgar, escola pública)

Porque tem muitas pessoas que eu não conheço que pedem amizade, ai eu aperto em "agora não". (Yasmin, escola particular)

A literacia/letramento digital pode ainda colaborar para despertar nas crianças e nos adolescentes a compreensão de que a internet pode se configurar como um espaço importante de participação e envolvimento cívico. Como podemos ver no último depoimento mencionado, os riscos estão postos e é necessário definir estratégias adequadas para enfrentá-los. Na próxima seção, abordaremos alguns dos riscos e danos referidos por meninos e meninas na investigação.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

RISCOS E DANOS SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS

Com base nas conversas tidas com as crianças, destacamos alguns riscos por elas identificados: o contato com estranhos, o uso excessivo das mídias móveis, o *ciberbullying* e o *sexting*. Algumas diferenças de gênero presentes nos modos como elas lidam com os riscos também serão apontadas. Para dialogar com os relatos das crianças, manteremos, sempre que possível, a atenção em considerar dados da pesquisa nacional, *TIC Kids Online 2014* (CGI, 2014), referente às crianças de 11 e 12 anos - mesma faixa etária das crianças participantes dos grupos focais.

O contato com estranhos é uma preocupação constante dos pais em relação aos filhos. “Não fale com estranhos” é uma das primeiras orientações recebidas pelas crianças que, agora, se direciona também para a internet. Dados da pesquisa nacional revelam que 19% das crianças pesquisadas tiveram contato com estranhos na internet, predominantemente por mensagens instantâneas e sites de redes sociais.

Yohana, estudante de escola particular, mencionou que conheceu duas crianças na internet através de uma



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

página do Facebook e relatou ter escondido o fato da mãe, temendo alguma repreensão. Dimitri, estudante de escola pública, reportou que um amigo fez contato com um estranho pela internet, que se fez passar por uma mulher. No momento do encontro presencial agendado, o amigo sofreu uma tentativa de sequestro.

Meu amigo ia sendo sequestrado. No Facebook fingiram pra ele que era mulher. Ele foi com o pai e tentaram sequestrar ele. Mas o pai dele o puxou. (Dimitri, escola pública)

Com base na conversa com as crianças, observamos que a figura do estranho está ligada predominantemente a imagem de alguém do sexo masculino, um possível pedófilo, ou ao risco de sequestro. Vale ressaltar ainda que o termo “pedófilo” apareceu apenas nas falas das meninas de escola particular e somente uma delas mencionou o risco do irmão estar em contato com uma “pedófila”.

Outro risco identificado é o do uso excessivo das mídias móveis, em especial celulares e *tablets*. O “vício” na internet também tem sido alvo de pesquisas⁹ e de matérias jornalísticas¹⁰. A pesquisa nacional mostra que 10% das

9. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141014_vicio_internet_uk>. Acesso em: 17 ago. 2016.

10. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20334.shtml>>. Acesso em: 17 ago. 2016.



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

crianças tentaram e não conseguiram passar menos tempo na internet, corroborando com essa sinalização de risco.

Como discute Kardefeldt-Winther (2014), nem sempre a dependência da internet é um indicador de problemas psicológicos, mas pode ser um sinal de um novo modo de vida associado à forte presença na internet no cotidiano e às novas formas de comunicação.

Algumas crianças participantes do grupo focal reconhecem fazer uso da internet de forma excessiva e também identificam a prática em amigos e parentes. Os jogos, vídeos e redes sociais aparecem nos relatos delas como os responsáveis pelo gasto de tempo na internet. Destacamos que meninas de escola pública também identificaram alguns danos que as crianças podem sofrer devido ao uso excessivo dos dispositivos móveis.

Isso pode até causar problema na vista. (Augusta, escola particular)

E nos dedos, por passar muito tempo mexendo. (Raiane, escola pública)

Eu escrevo um pouquinho, aí meu dedo já dói. (Raiane, escola pública)

O meu primo. Ele é direto no celular. Aí baixou a nota dele e ele teve que excluir o WhatsApp. (Emília, escola pública)

Em relação aos danos, foram mencionados, predominantemente, os prejuízos físicos, como problemas de



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

visão devido à grande exposição às telas e LER (lesão por esforço repetitivo). De forma pontual, uma criança citou que o primo tirou uma nota abaixo da média escolar, o que gerou, portanto, um dano relacionado ao desempenho escolar.

Outro risco apontado pelas crianças na pesquisa é o *ciberbullying* no qual uma agressão exposta no ambiente on-line pode ser replicada e ter sua duração ampliada. Segundo a pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2014* (CGI.Br, 2014), 58% das crianças já receberam mensagens ofensivas pela internet. As crianças que participaram da pesquisa identificaram os atos de *ciberbullying* como atividades negativas, prejudiciais a elas. Em todos os grupos houve relatos de crianças que já foram vítimas de alguma ofensa dentro e fora da internet, o que reforça a tendência nacional assinalada.

A frequência dessa prática na internet e o alcance que ela tem foram apontados por três meninas estudantes de escola pública.

Facebook tem muitos casos de bullying. Até aquele ator de Chiquititas, o Caique, sofreu bullying por que ele é negro. (Raiane, escola pública)

[...] todo mundo vê o que ele tá falando. (Emília, escola pública)

Deve ser porque ela tava com medo de falar pessoalmente e falou por Facebook. (Joaquina, escola pública)



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

Diferenças no foco das ofensas destinadas aos meninos e às meninas também foram identificadas. Segundo as falas das crianças, as ofensas direcionadas às meninas tendem a estar ligadas ao corpo e, em geral, elas afirmam se sentir incomodadas com as mensagens com esse teor. Já os meninos tendem a ser vítimas de ofensas mais ligadas ao intelecto e à sexualidade. De modo diverso das meninas, alguns dizem não se incomodar com as ofensas.

Ah, perigete, gorda, obesa, essas coisas. (Clarissa, escola particular)

Quando me chamam de alguma coisa eu nem ligo. A única coisa que chama a gente é de *nerd*, coisa assim. (André, escola particular)

Apesar da maioria dos meninos, de escola pública e privada, relatarem não se incomodar com as ofensas e apelidos, um menino estudante de escola pública reportou que foi vítima de um caso de *bullying* que gerou não apenas um incômodo, mas um dano.

Muito comentário ruim, porque era palavrão. Um menino disse que eu era "viado" e eu tirei (a foto), aí pararam. Por isso não tiro mais foto. (Guto, escola pública)

Essas ações se configuram em danos, já que as crianças relatam se sentirem ofendidas e, em especial no caso de Guto, a ofensa teve impacto na forma como ele se expressa na rede, ou seja, fez com que ele não exibisse mais suas fotos em decorrência da agressão sofrida. Dentre as



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

formas citadas pelas crianças de lidar com o *ciberbullying*, a mais recorrente foi a exclusão do comentário ofensivo e do perfil do agressor do grupo de amigos da rede social. Em alguns casos, eles também reportaram ter pedido ajuda de parentes para enfrentar a situação.

O último risco a ser destacado é o “sexting” que, assim como o *ciberbullying*, tem suas fronteiras e audiências ampliadas pelos dispositivos móveis. Segundo a pesquisa nacional, 6% das crianças já viram mensagens ou vídeos com conteúdo sexual na internet. As crianças brasileiras tiveram mais contato com esse conteúdo em sites de redes sociais (2%) e por meio de mensagens instantâneas (2%).

Relatos de contato com esse tipo de conteúdo foram dados por algumas crianças entrevistadas nos grupos focais, tanto de escola particular quanto de escola pública. Os modos através dos quais elas viram conteúdos de teor sexual, em sites de redes sociais e mensagens instantâneas, estão em sintonia com a tendência nacional, indicando a necessidade de maior atenção dos adultos a essa questão.

Já vi no Facebook. A menina postou foto nua dentro do banheiro. (Raiane, escola pública)

Os meninos lá da sala já me falaram que outros meninos já mandaram fotos pra eles. (André, escola particular)



Crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

As meninas, de escola particular e pública, destacaram o risco que pessoas que praticam o *sexting* correm de que suas imagens sejam usadas por pedófilos, enviadas para sites de pornografia e publicadas em redes sociais digitais. Já os problemas e riscos citados pelos meninos estavam direcionados a eles mesmos, aos incômodos que eles sentem quando têm acesso ao conteúdo sexual, geralmente enviado sem a vontade deles, segundo seus depoimentos. Esse incômodo relatado pelos meninos, que reconhecem não serem maduros para acessar esse tipo de conteúdo, pode ser configurado como um dano já que eles veem as imagens sem que esta tenha sido a sua escolha, ficando expostos a um conteúdo inadequado.

Além de destacarem os riscos na divulgação de fotos de teor sexual na internet, outro ponto que chama atenção e que engloba o *sexting* é o uso dessa prática para se tornar popular nas redes sociais. A fala abaixo de uma menina de escola pública ilustra esse fenômeno.

Tem uma menina que bateu foto de calcinha e sutiã no perfil. De biquíni eu entendo, minha foto de perfil é de biquíni, mas de calcinha e sutiã. Aí a foto dela foi pra 900, 1000 curtidas. (Augusta, escola pública)

Nessa lógica, as crianças e os adolescentes postam imagens, como a descrita anteriormente, em busca de popularidade e autoafirmação. Como a sexualidade ainda costuma



crianças brasileiras e a internet na perspectiva dos riscos, danos e oportunidades

ser tabu e assunto pouco discutido entre pais e filhos, as crianças e adolescentes, muitas vezes, se expõem de modo irresponsável na rede - o que pode gerar sérias consequências.

CONCLUSÕES

Como buscamos problematizar neste artigo, estar online se tornou uma forma de interação comunicacional cada vez mais presente na vida de crianças e adolescentes, marcada por oportunidades e riscos. Com base nos dados da pesquisa, podemos identificar que, há situações nas quais as crianças encontram formas de lidar com os riscos e que, portanto, nem todas as experiências de risco se convertem em dano.

Compreender quais são os riscos a que elas estão expostas é parte decisiva desse processo de minimização de danos. Na investigação, elas identificaram vários riscos presentes no uso da rede, tais como: o contato com estranhos, o uso excessivo das mídias móveis, o *ciberbullying* e o *sexting*. Revelaram, ainda, níveis diferenciados de preparo para lidar com esse tipo de situação.



Pesquisa-intervenção com crianças camponesas e o agenciamento maquínico

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. *El Anti Édipo: capitalismo y esquizofrenia*. 1ª edição. Barcelona: Paidós, 2004.

_____. *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. 5ª edição. Valencia: Paterna, 2002.

_____. *Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia*. Vol 5. São Paulo. Ed. 34, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

FANTIN, Mônica. A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas. In: GIRARDELLO, Gilka e FANTIN, Monica (Orgs.). *Práticas e consumos de mídia entre crianças*. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

FREITAS, Maria Teresa; JOBIM e SOUZA, Solange; e KRAMER, Sônia (Orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/ UFRJ, 1999.

GOMES, Wilson. *Esfera pública política e mídia*. Com Habermas, contra Habermas. *Anais do VI Encontro anual da COMPÓS*, Unisinos, 1997.

GUATTARI, Félix; e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 4ª edição Petrópolis: Vozes, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa*. Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, Arte e Invenção. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17 – 27, jan./jun. 2001.

LAZZARATO, Maurizio. *La filosofía de la diferencia y el pensamiento menor*. Traducción de conferencias Gisela Daza Navarrete; Transcripción y revisión Carlos Henrique Restrepo, Ernesto Hernández B. y Mónica Zuleta P. Bogotá: Universidad Central – IESCO, 2007.

LEITÃO, Ema Sofia. *Desenhos Animados: discursos sobre ser criança*. Lisboa: Edições 70, 2008.



Pesquisa-intervenção com crianças camponesas e o agenciamento maquínico

LOURAU, René. *A Análise Institucional*. Tradução de Mariano Ferreira. Vozes, Petrópolis - RJ, 1995.

OLIVEIRA, Thiago Menezes. Classificação Indicativa Pontilhada na Esfera Pública. Artigo apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011-a.

_____. O Direito e a Criança na Publicidade: entre o direito à participação e a tematização publicitária. Artigo apresentado no XX Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito – Vitória, ES – 16 a 19 de novembro de 2011-b.

OROZCO G., Guillermo. *Televisión, Audiencias y Educación*. 2ª Edición. Colômbia: Colômbia: Grupo Editorial Norma, 2001.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. *Televisão, Publicidade e Infância*. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2004.

WHITEHEAD, Ann; HASHIM, Iman M.; and IVERSEN, Vegard. Child Migration, Child Agency and Inter-generation Relations in Africa and South Asia. Paper presented to the *Children and Youth in Emerging and Transforming Societies International Conference in Oslo*, 29 June – 3 July 2005.





SOBRE OS AUTORES

ORGANIZADORAS

Alessandra Alcântara

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, mestrado em Psicologia pela Universidade Paris V - Sorbonne e Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Atualmente é professora da Universidade de Fortaleza. Organizadora dos livros *Mídia de Chocolate* e *Culturas Infantis do Consumo: Práticas e Experiências Contemporâneas*.

E-mail: alessandra@unifor.br

Brenda Guedes

Doutoranda e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco; Bacharel em Comunicação - Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza. Autora no livro *Publicidade e Consumo: Entretenimento Infância Mídias Sociais*. Organizadora do livro *Culturas Infantis do Consumo: Práticas e Experiências Contemporâneas*. Bolsista Capes e



integrante do grupo de pesquisa Publicidade nas Novas Mídias.

E-mail: blguedes@gmail.com

AUTORES

Ana Paula Bragaglia

Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), no curso de graduação em Comunicação Social e no Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC). Mestre em Comunicação Social e Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do grupo de pesquisa ESC - Ética na Sociedade de Consumo e do projeto de extensão Contatos - (re)Construindo a Publicidade. Membro do LaPA, Laboratório de Pesquisas Aplicadas do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC).

E-mail: apbragaglia@yahoo.com.br



Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Jornalista, professora do Curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará. Mestre e doutora em Educação Brasileira (UFC). Coordena o Projeto de Extensão Cultura Digital e Direitos Humanos e é vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM).

E-mail: andrea@virtual.ufc.br

Carla Daniela Rabelo Rodrigues

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA/Jaguarão (RS) Tutora PET Produção e Política Cultural Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

E-mail: carlarabelo@unipampa.edu.br

Diego Frank Marques Cavalcante

Professor de Semiótica e de Teorias da Comunicação, na DeVry Fanor. Comunicólogo, Mestre em Sociologia pela UFC e Doutor em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: marquesdiego@usp.br



Elisa Reinhardt Piedras

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

E-mail: elisapiedras@gmail.com

Inês Sílvia Vitorino Sampaio

Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. É docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde coordena o Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM) e o Projeto de Extensão TVEz: educação para o uso crítico da Mídia.

E-mail: inesvict@gmail.com

Maria Clara Sidou Monteiro

Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre



Sobre os autores

em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Comunicação e Imagem pela Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Comunicação - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará.

E-mail: mclarasm@gmail.com

Milena Gomes Coutinho Pereira

Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Bacharel em Estudos de Mídia pela mesma instituição e Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Apresenta artigos e palestras sobre infância, educação, consumo, publicidade e temas afins.

E-mail: pereira.milena@gmail.com

Pâmela Saunders Uchôa Craveiro

Doutora em Comunicação pela UVIGO (Espanha). Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (UFF). Pesquisadora do grupo de pesquisa ESC - Ética na Sociedade de Consumo e do GRIM - Grupo



Sobre os autores

de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia.

E-mail: pamela_uchoa@yahoo.com.br

Thiago Menezes de Oliveira

Professor de Direito da Criança e do Adolescente e de Psicologia Jurídica, na Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Comunicação Social (UFC) e Doutorando em Psicologia (UFC).

E-mail: meneiz@gmail.com

Thinayna Mendonça Máximo

Jornalista, mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), membro do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM).

E-mail: thinayna@gmail.com



www.Pimentacultural.com

